



**Dr. Luís Sousa e Silva**  
Médico internista. Medicina Desportiva.  
Santarém

**Foi médico da União Desportiva de Santarém durante anos. Naquele tempo era mais difícil ser o médico de equipa?**

Entrei para a U D Santarém em 1984-85. Fui médico de todos os escalões de futebol. Realizei exames de aptidão, tratei lesões, doenças intercorrentes, fiz palestras sobre alimentação, dopagem e o repouso, para atletas e pais. Fiz muitos jogos com a equipa sénior e alguns com os juvenis e os juniores. Tive apoio de vários médicos, como por exemplo, o Prof. Rodrigues Gomes e os Drs. Fernando Ferreira, Fonseca Esteves, João Paulo Almeida, Bernardo Vasconcelos, Pereira de Castro, entre outros, aos quais manifesto a minha eterna gratidão. No clube fui também médico de todos os escalões masculinos e femininos de basquetebol, e duas vezes por semana assistia aos treinos no pavilhão. Fomos campeões nacionais de basquetebol, femininos, e depois tive a oportunidade de ir a duas eliminatórias da Taça dos Campeões Europeus de basquetebol feminino. Foi muito difícil dar assistência a 500 atletas por ano. Ainda tive tempo para colaborar com a A F Santarém e com a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) na organização e direção de cursos de treinadores, massagistas e árbitros. No judo participei em cursos para treinadores. Fui também dirigente e como Presidente do G. F. Empregados no Comércio de Santarém fui à Taça dos Campeões Europeus de Hóquei em Patins e jogámos com o TTC Basel, da Suíça. Foi uma atividade muito intensa ligada à medicina desportiva e, no final, pouco tempo sobrava para mim e para a minha família.

**Que diferenças nota em relação à atualidade nos tratamentos, nos exames, no relacionamento?**

Os tratamentos evoluíram muito, mas a competência dos colaboradores

era grande, os equipamentos não se comparam aos atuais. A observação no campo do mecanismo de lesão, quando possível, a história clínica e observação cuidadosa eram fundamentais, após o que se realizavam os exames de imagem.

A relação foi excelente com dirigentes e com jogadores, salvo algumas exceções, o que me pareceu normal, já que conheci largas dezenas de dirigentes.

**Também esteve muito envolvido no andebol...**

Em 1995 a convite do Dr. Pereira de Castro ingressei na F. P. Andebol (FPA). Estreei-me na Seleção A Feminina, na Noruega, no apuramento para o Campeonato da Europa. Fui responsável Médico na preparação da Seleção Sub-19 masculina para o Europeu/99, em Cascais. Acompanhei a Seleção A masculina para o apuramento Europeu, na eliminatória com a Macedónia, em Braga e em Escócia. Ajudei na preparação da dupla de arbitragem Macau/Goulão para o Mundial do Qatar. Ao Serviço da FPA comunicava ativamente com os restantes médicos da FPA e com os médicos dos clubes na tomada de decisões referentes às participações em estágios.

**Depois foi também médico no Centro de Alto Rendimento de Rio Maior (CAR). Aqui as exigências eram maiores, contactos com atletas e treinadores estrangeiros...**

Em final de 2000 ingressei no CAR e fui responsável pelos atletas brasileiros da CBTri, que estagiaram até 2007, e pelos atletas da marcha atlética e da Federação Portuguesa de Natação. Chefeei a equipa clínica da Academia de Futebol Inglesa VSI durante ano e meio. Colaborei com os médicos da FPF, da FPA, e com os médicos dos Comitês Olímpicos da Suécia, Holanda e Para-Olímpicos da Holanda. Dei apoio médico a provas de ciclismo e a Etapas de Rio Maior do Campeonato do Mundo de Marcha Atlética. Para levar a cabo estas tarefas tive o apoio e confiança do Prof. Sacadura da natação, dos colegas Maria João Cascais, João Paulo Almeida e Gomes Pereira, assim como do Dr. Roberto Nahon, médico chefe da CBtri e do Comité Olímpico do Brasil.

**É um médico simples, cultiva a modéstia e aprecia os jovens médicos. Acha que temos a Medicina Desportiva (MD) garantida no futuro?**

Os colegas mais novos são brilhantes, ativos e competentes. É um privilégio ser substituído por todos estes colegas a quem desejo felicidade e a realização profissional como eu tive. Estou certo de que o futuro da MD está garantido.

**O exame médico-desportivo (EMD) é um tema atual que o preocupa. O que pensa sobre o que se passa?**

O EMD tem de ser rigoroso como toda a prática médica e deve incluir a história clínica, geral e desportiva, e ser depois apoiada por estudos complementares de acordo com a informação clínica. Deve ser realizado “por quem sabe”, pois é um ato de grande responsabilidade, e no qual o atleta e a família depositam expectativa e confiança.

**Recentemente faleceu um mestre da MD, o Dr. J Fonseca Esteves. Causou-lhe muita mágoa...**

Foi com muita mágoa e tristeza que vi partir o Dr. Rui Faria, da FPA e colega de curso, e mais recentemente o Dr. Fonseca Esteves, grande defensor da Medicina Desportiva, com quem privei nove anos na SPMD e muitos mais anos no Centro de Medicina Desportiva de Lisboa.

**Na sua experiência clínica com atletas certamente que terá algumas histórias...**

A meio da época, na 2ª divisão do futebol, houve um jogador que perdeu rendimento desportivo, foi bastante estudado e nada se encontrou. Através do enfermeiro soube que tinha doado sangue para ter três dias de folga na tropa! Mas também de me lembro de situações clínicas desagradáveis: um atleta brasileiro com miocardiopatia grave, pós-viral, recuperado seis meses depois, e outro atleta olímpico com persistência do canal arterial com significado clínico.